



ESPAÇOS AMBÍGUOS E OUTROS ESPAÇOS EM “NA BERMA DE NENHUMA ESTRADA”, DE MIA COUTO

AMBIGUOUS SPACES AND OTHER SPACES
IN “NA BERMA DE NENHUMA ESTRADA”, BY MIA COUTO

Raquelle Barroso de Albuquerque*

66

Resumo: Este trabalho tem por objetivo analisar a influência do espaço na protagonista do conto “Na berma de nenhuma estrada”, de Mia Couto, e sua busca por identidade, através da fuga desse espaço. O não lugar e a ambiguidade em relação aos sentimentos da protagonista acabam caracterizando o espaço de vivência da personagem, assim como sua nulidade e fragmentação. A sensação de sonho ou loucura é bastante presente no conto e ressalta as incertezas confessionais da personagem. Diante desse cenário, este artigo propõe-se a sondar as buscas de uma “menina”, que vive numa paragem distante, lugar este que representa tanto o esquecimento geográfico quanto a fragmentação identitária da mesma. Como suporte teórico, conta-se, dentre outros, com nomes como Augé (2012), para discussão dos lugares e não lugares vivenciados pela protagonista. DaMatta (1997), que trata de espaços públicos e privados. Para a discussão acerca da identidade individual, Bauman (2005), complementado por Bhabha (1998), o qual inicia a reflexão acerca da identidade coletiva.

Palavras-chave: espaços; ambiguidade; identidade; fragmentação.

Abstract: This paper aims to analyze the influence of space on the main character of Mia Couto’s short story “Na berma de nenhuma estrada”, and her search for identity, through the escape from that space. The non-place and the ambiguity in relation to the character’s feelings characterize her living space, as well as her nullity and fragmentation. The dreaming or madness condition is very active in the short story and emphasizes the character’s confessional uncertainties. In this scenario, this paper proposes to observe the searches of a “girl”, who lives in a faraway place, a space that represents both the geographic forgetfulness and her identity fragmentation. As theoretical framework, there are, among others, names such as Augé (2012), for discussion of places and non-places experienced by main character; DaMatta (1997), who deals with public and private spaces; to discuss about individual identity, Bauman (2005); complemented by Bhabha (1998), who introduces the reflection on collective identity.

Keywords: spaces; ambiguity; identity; fragmentation.

* Universidade Federal do Piauí. E-mail: raquelle.barroso@ifpi.edu.br

No conto “Na berma de nenhuma estrada”, Mia Couto leva seu leitor a um cenário bastante comum à sua obra: um lugarejo perdido ou esquecido. Neste cenário, depara-se com uma protagonista anônima, que anseia por se encontrar e encontrar seu lugar no mundo. Nesta busca, que engloba, conseqüentemente, a busca de identidade, a protagonista reflete acerca de sua não identificação com a localidade na qual nasceu e de onde nunca saiu, nem mesmo para um breve passeio.

A protagonista reflete ainda acerca de relacionamentos, da substância que constitui a vida e sobre a figura paterna, que acaba por representar esse anseio de ir embora. A figura de pai descrita pela personagem, junto à imagem da estrada, acabam sendo a metáfora do seu desejo de partir, mesmo que não se saiba para onde.

Outra característica bastante comum em Mia Couto, e que se pode observar no conto em análise, é a sensação de sonho ou loucura, ou seja, a perene sensação de bruma onírica que permeia a fala confessional da personagem. Esse nevoeiro brumoso marcado pelas “poeiras” que, segundo o tio da protagonista, podem sujar os sonhos das pessoas, traz a sensação da incerteza que envolve o discurso da personagem a todo momento, criando-se uma espécie de “zona do devir”, lugar desencadeador de estranhamento no leitor. Este lugar surge como espaço de imaginário da personagem e em espaços topográficos como a estrada, escura e sombria, ao fim do conto.

O espaço na narrativa atua como relevo de sentido da obra literária, para Ghama-Khalil (2010), e é certo que se diferencia de qualquer topografia, ainda segundo a autora. Isto se comprova no conto em análise quando se identifica não apenas espaços topográficos, como também espaços imaginários criados pela personagem. Além destes, os espaços utópicos sugeridos por Bachelard (1978) explicam a ânsia da personagem por desejar algo novo, longe da Vila de Passo-longe, caracterizada como espaço atópico, pois traz desconforto. Contudo, como não há uma certeza do que anseia a “menina”, também não se

pode afirmar com certeza se a vila realmente traz desconforto ou apenas age como espaço de dispersão e de sonho.

Outra ideia bastante presente na narrativa é a questão do “entre lugar” como ideia de fronteira. A personagem está sempre em vias de fazer algo, até seus pensamentos são incertos. O comportamento de outras personagens, como seu tio, mostram sempre a atitude de se estar com uma ideia ou atitude errante, incompleta, sempre no limiar, mas nunca no fim. Com exceção do final do texto, em que a menina finalmente concretiza seu plano de *ir embora*, os demais passos e conversas em relação a seus planos de fugir da vila sempre são permeados de incerteza, metaforizada pelo estar na soleira ou no sopé de algum canto ou lugar.

OS (NÃO) LUGARES

A “menina”², substantivo designado à protagonista, por seu pai, mostra-se inclinada a ir embora do lugarejo no qual habita. Durante toda a narrativa, ela deixa clara sua não identificação com lugar, além de seu não pertencimento à natureza bucólica da vila, como podemos conferir na seguinte passagem do conto:

Estou aqui no sopé da estrada, à espera que alguém me leve. (...) É meu sonho antigo: sair deste despovoado, alcançar o longe (...) sempre gostei de poeira porque me traz ilusão dos caminhos que não conheço. (...) A vila de Passo-Longe é tão longe que nem saudade aqui chega (COUTO, 2016, p. 125).

O nome da vila, “Passo longe”, funciona como *nom portrait*³ e indica a natureza do lugar como algo além de bucólico, também distante e esquecido. A personagem, por sua vez, sabe da decisão que tem de tomar, a de ir para algum lugar ainda indeterminado. Aliás, essa é a única certeza que se infere da narrativa. Além disso, Menina também figura como um *nom portrait*, pois reflete a penumbra de incertezas que encobre a narrativa.

A figura do pai também aparece como uma metáfora entre a estrada e a vida, visto que ele foi embora sem informar como nem por quê. Essa metáfora representa a vida se

² A personagem, por não ter nome, é designada dessa forma pelo narrador. Nos comentários deste trabalho, será grifado, em seguida, com a inicial maiúscula.

esvaindo, se escoando, como uma caminhada lânguida de ida sem retorno, como se pode ler na seguinte passagem: "Meu pai foi-se, escoando na estrada. Nesta mesma estrada onde eu me alinho (...). Foi nas minas, não voltou (COUTO, 2016, p. 127)".

Há também na narrativa a impressão de algo vago, de indefinição, que aparece representado tanto pela poeira citada no início no conto "(...) as poeiras irão sujar seus sonhos (COUTO, 2016, p. 125)", como expressões que passam a ideia de indefinição como "soleira da estrada³", na passagem "Você há de ficar na soleira da estrada (COUTO, 2016, p. 126)". Aqui, têm-se a ideia de nulidade, visto que, estando na soleira, não se está nem dentro de um local nem fora dele. Seria uma espécie de "entre lugar", que caracteriza a indefinição da personagem, ou seja, a não identificação com lugar algum ou com algo que seja próprio dele.

A ideia brumosa de não identificação também se assume na falta de comunicação entre a protagonista e outros personagens, com exceção de seu tio Josseldo. Tal reflexão nos leva a Marc Augé, quando fala da similaridade na identificação do lugar e a comunicação travada no mesmo entre os personagens. Para o teórico:

O personagem está em casa quando fica à vontade na retórica das pessoas com as quais compartilha a vida. O sinal de que se está em casa é que se consegue se fazer entender sem muito problema, e ao mesmo tempo se consegue entrar na razão de seus interlocutores, sem precisar de longas explicações (AUGÉ, 2012, p.99).

69

Segundo o antropólogo: "o espaço do não lugar não cria nem identidade singular nem relação, mas sim solidão e similitude (AUGÉ, 2012, p. 95)." O lugarejo para a protagonista seria seu não lugar, visto que não se identifica, além de servir como reflexo da solidão transbordante que ela sente.

A diferença entre o espaço íntimo da casa, no caso, a loja do Tio Josseldo, e a rua, também representada pela estrada, mostra a dualidade entre o espaço de afeto (o primeiro) e o espaço de estranhamento (o segundo). Tal pensamento pode ser esclarecido à luz de DaMatta (1997):

³ Grifo da autora

(...) se a casa distingue esse espaço de calma, repouso, recuperação e hospitalidade, enfim, de tudo aquilo que define a nossa ideia de “amor”, “carinho” e “calor humano”, a rua é um espaço definido precisamente ao inverso. Terra que pertence ao “governo” ou ao “povo” e que está sempre repleta de fluidez e movimento. A rua é um local perigoso (p. 52-53).

A narrativa segue o pensamento partilhado pela sociedade desde alhures, no qual “une femme en public est toujours déplacée⁴”, para citar Michelle Perrot (2009, p. 168), e confirma a citação de DaMatta, compondo um mosaico de incertezas, no qual a figura feminina tem dificuldades em vislumbrar um lugar dentro do turbilhão de ideias e pretensões que é a rua. Ainda segundo Perrot: “L’espace public constitue l’apanage des hommes: celui du commerce, de la politique, de l’art oratoire, du sport de haut niveau, du pouvoir. Une femme n’y peut prétendre que partiellement (2009, p.168)⁵”. Contudo, mesmo que a narrativa tente privar a protagonista de ver e vislumbrar um possível futuro, um amanhã em que consiga se encaixar num lugar todo seu, longe do claustro representado pelo lugarejo em que habita, ela clama em favor de seus desejos e foge de tal estereotipação ao apresentar uma revolução íntima, num embate interior onde apenas ela mesma pode ser seu próprio algoz, e do qual vai sair vitoriosa.

Embora a personagem anseie por sair sem rumo, é dentro do espaço privado que a menina parece mais dona de si, ao se maquiar e olhar-se no espelho. Na boutique do seu tio, consegue se expressar de alguma forma, tanto por meio de conversas curtas com seu tio, como por meio de sua auto caracterização, com o intuito de ficar na beira da estrada e, quem sabe, conseguir uma carona que a leve para bem longe daquele lugarejo. Ao se maquiar e se “arrumar”, a Menina parece encontrar alguma identidade, algo que a pertence:

De regresso à loja do Tio Josseldo, eu fico olhando a tabuleta – a Boutique Pinta-Bocas – e agradeço aquela dádiva de existir um parente que me seja familiar. Ali durmo, bem enroscada (...), à moda de quarto minguante (COUTO, 2016, p. 126).

⁴ Uma mulher em público é sempre inadequada (Tradução da autora).

⁵ O espaço público é prerrogativa dos homens: o do comércio, da política, da oratória, do esporte de alto nível, do poder. Uma mulher só pode reivindicar este espaço parcialmente (Tradução da autora).

No espaço da boutique onde dorme, a personagem se sente em casa, acolhida e protegida. É lá onde deixa fluir certo esboço de identidade, mesmo que disfarçado embaixo de camadas de maquiagem, pois é assim mesmo que consegue se expressar e dar vazão a seu desejo mais íntimo e latente: ir embora, procurar por seu lugar. No local em que dorme, transformado em quarto, ela sonha e experimenta momentos de epifania embebida em nuvens de sonhos.

A boutique torna-se o quarto da Menina e esse espaço de sonhos é bem explicado por Michelle Perrot:

Vis-à-vis de cette chambre (...), les jeunes filles oscillent entre deux attitudes: s'y retirer pour échapper au monde, retarder des échéances qu'elles redoutent (...), rever comme Emma Bovary ou les héroïnes de Jane Austen(...). Comment en sortir, comment être ailleurs? Les jeunes filles ont le goût des récits de Voyage, des aventures missionnaires en des terres lointaines, des histoires d'amour que leur dévident d'interminables feuillets (...).⁶ (2009, p. 155)

Desta forma, a descrição dos sentimentos da protagonista se encontra com o pensamento de Perrot, ao vislumbrar o quarto da jovem como um lugar de fuga de um mundo com o qual não se identifica e por ser, além de tudo, um lugar de sonho e devaneio, no qual se viaja, se escapa de alguma forma, mesmo que através da imaginação.

Na rua, a Menina deixa seus pensamentos mais fluidos a guiarem. Deixa sua inquietude tomar conta de seus devaneios e desejos: "Eu só quero ir daqui (COUTO, 2016, p. 126)". A rua torna-se a metáfora de seu inferno particular, no qual ela simplesmente não consegue se encontrar nem formular ou articular algo que a represente: "Só eu padeço de mim, envelhecida de esperar (COUTO, 2016, p. 126)".

Outra metáfora que se pode inferir da imagem da estrada é a que a protagonista a utiliza como uma caminhada de sua alma, ou melhor, como sua espera por um grande amor: "Quero uma estrada para meu coração. De ida sem volta. Só para o além (COUTO, 2016, p.

⁶ Diante desse quarto (...), as moças oscilam entre duas atitudes: retirar-se para fugir do mundo, atrasar prazos que as incomodam (...) sonhar como Emma Bovary ou as heroínas de Jane Austen (...). Como sair disso? Como estar em outro lugar? As moças têm gosto por diários de viagem, aventuras missionárias em terras longínquas, histórias de amor reveladas por infinitas novelas (...).

126)”. A estrada aparece aqui como um elo que liga a personagem a seus sonhos e seus receios, visto que a Menina também exterioriza a ideia de partir sem ter que mudar de lugar: “(...) eu quero sair daqui sem ter que mudar de chão (COUTO, 2016, p.128)”. E completa que “(...) lá num outro lugar, as estrelas que brilham são iguais às daqui (COUTO, 2016, p.128)”, fazendo alusão à indiferença espacial onde se encontrará, pois algumas emoções continuarão as mesmas e o vazio existencial permanecerá.

A estrada continua sendo o parâmetro para a contagem da vida e da morte. Ela surge ainda como a imagem desse fim, ao aparecer como a última fronteira da protagonista, que narra com certa languidez sua ida para o desconhecido: “Mas eu já passei o último poste, me entranhei lá, *onde a estrada foi mastigada no escuro*” (COUTO, 2016, p. 129)”. Ao dizer que a estrada foi “mastigada no escuro”, a narradora deixa a impressão de fim, trazendo a sensação Schopenhaueriana de morte, a sugestão de que só se tem a certeza da morte quando se tem a racionalidade de ser finito.

Teria a Menina tomado consciência de sua finitude e das consequências de sua atitude de partir?

BUSCA DE SI E/OU IETIDAE

O lugar não a apetece. Não há alguma ligação emotiva com ele. O tempo não é determinado. A Menina não tem um nome definido. A estrada vislumbra as ambiguidades de sentimento e é tornada metáfora para morte ou exílio do eu. Desta forma, como se inferir identidade(s) sobre a protagonista?

A narrativa é permeada desse labirinto de interrogações. A não identificação da personagem com o meio e a comunidade, na qual nasceu e ainda vive, é um forte indício do marasmo interior em que vive a personagem:

Ainda estado e havido, meu pai não me dera nenhum nome. Minha mãe reclamava:

- Mas como lhe ei de chamar?

- Há de se ver, mulher. Há de se ver.

(...)

- Lhe vá chamando só assim: menina (COUTO, 2016, p. 127).

⁷ Grifo da autora.

No início da narrativa ela confessa que pretende ser levada por “um qualquer, tanto faz (COUTO, 2016, p. 125)”, reforçando a ideia de nulidade. E continua: “vou santificando os dias, sempre iguais, no mesmo-que-mesmo. Me ajeito de belezas emprestadas (...) (COUTO, 2016, p. 125)”.

A protagonista revela-se ciente de seu não estar no mundo, este representado mais especificamente na vila. A imagem no espelho da venda do Tio Josseldo surge como a projeção dos desejos da Menina, ou seja, é sua válvula de escape, sua Pasárgada, é o momento em que se acha bela ao se enfeitar e se maquiar. Mas, ao se deparar com sua imagem em certa ocasião, parece não se reconhecer nem mesmo dentro de sua negação: “me olho no espelho da cantina e nem me reconheço. Porque dentro de mim há qualquer coisa de falecida, a secreta desistência de mim – nunca ninguém me vai carregar (COUTO, 2016, p. 125)”.

Tal ambiguidade, que aflora na personagem em certa altura do conto, faz lembrar a ideia de identidade como um conceito ambíguo, segundo Bauman (2005):

(...) A “identidade” é uma ideia inescapavelmente ambígua (...) é um “conceito altamente contestado”. Sempre que se ouvir essa palavra, pode-se estar certo de que está havendo uma batalha. O campo de batalha é o lar natural da identidade. Ela só vem à luz no tumulto da batalha, e dorme e silencia no momento em que desaparecem os ruídos da refrega. Assim, não se pode evitar que ela corte dos dois lados (...). A identidade é uma luta simultânea contra a dissolução e a fragmentação: uma intenção de devorar e ao mesmo tempo uma recusa resoluta a ser devorado... (p. 82-84).

Quanto à ambiguidade que circunda o conceito de identidade, faz-se necessário associá-lo não apenas aos sentimentos exteriorizados pela protagonista, mas também a sua ideia de entrega sentimental. Em certa altura de uma conversa com o Tio Josseldo, ela diz “eu só quero ir daqui (COUTO, 2016, p. 126)”, ao passo que revela mais tarde: “Há, sim, motoristas que param. Pensam que sou prostituta. Confundem o intento de minhas vestes. *Mas não é meu corpo que ofereço. O que entrego é minha vida*⁸ (COUTO, 2016, p. 126)”. Ela

⁸ Grifo da autora

dizia no início da narrativa que apenas queria que alguém a levasse, não importa quem. Mas, na passagem acima, diz oferecer sua alma a quem a quisesse levar dali. Tal atitude não parece ser tão coerente a quem afirmava “eu só quero ir daqui”.

As falas da personagem parecem nos levar ao pensamento de relacionamentos efêmeros, o que facilita a troca de parceiros de acordo com o que a situação exige. Bauman (2005) explica tal atitude, através do pensamento de Erich Fromm:

A satisfação no amor individual não pode ser obtida (...) sem uma verdadeira humildade, coragem, fé e disciplina” (...) numa cultura em que essas qualidades são raras, atingir a capacidade de amar continua sendo uma rara realização (BAUMAN, 2005, p. 69).

A ideia do amor fluido não ocorre apenas na pós-modernidade ou no espaço urbano das grandes metrópoles. O amor e os relacionamentos fluidos são frutos de sociedades marcadas pelo ponto de vista de que o outro pode sempre ser vendido ou posto a prêmio. A protagonista entraria num relacionamento fluido caso se prostituísse ou se deixasse levar por alguém, “um qualquer, tanto faz”, apenas para se ver livre do lugarejo com o qual não de identifica. Mais uma vez a questão da ambiguidade se faz presente. Por um lado, a Menina diz que iria com qualquer um que a quisesse, mas diz que alguns caminhões param, contudo ela se recusa a ir. Por outro lado, ela diz oferecer sua alma caso vá embora com alguém que a leve. Chega a confundir o cuidado de seu tio com amor e afirma: “Podia gostar do Tio Josseldo que me tem tomado conta. Mas não quero. Amor é como dever de religião - a gente não tem folga. Eu quero é distração para meu peito (COUTO, 2016, p. 128-129)”.

Há, na passagem anterior, mais um forte indício de que a personagem não parece certa em relação aos sentimentos. Parece-se crer que ela apenas almeja aventuras em diferentes lugares, com deferentes companheiros. Mas, chega a dizer que entregaria sua alma, num conflito de sentimentos e emoções, bem característicos das ambiguidades existenciais.

Como afirma Bauman (2005, p. 83-84), “a identidade é uma luta simultânea contra a dissolução e a fragmentação”. Para não se fragmentar por completo, a protagonista caminha por ambas as margens que a ladeiam.

SONHO E LOUCURA

A ideia intermitente de que a narrativa é contada em meio a devaneios se torna mais forte ao analisarmos as ambiguidades na fala da personagem, como já foi analisado anteriormente. Mas, a dúvida já é posta no início do conto, quando a personagem afirma: "Até já cansei este sonho. Meu tio sempre me avisou: não durma perto da estrada que as poeiras irão sujar seus sonhos. E aconteceu (COUTO, 2016, p. 125)".

A atitude não somente da protagonista, mas também de sua mãe, que é descrita superficialmente como uma mulher sem rumo, não mais dona de sua plena certeza, após a ida do pai, sinaliza para uma questão também de loucura. Para a Menina, o sonho e a falta de uma família que realmente a orientasse parece ter deixado sequelas negativas na sua visão de mundo e busca de objetivos: "eu não tive criancice nem sonho. Meu pai saiu cedo, minha mãe, em seguida, perdeu o prumo do juízo (COUTO, 2016, p. 127)".

A mãe parece ter influenciado a forma como a Menina passou a encarar a espera em sua vida: "Minha mãe ficou tão pasmada no regresso dele, que ela nunca saiu daqueles aguardos" (COUTO, 2016, p. 127). Parece que o modelo de sua mãe foi copiado por ela ao crescer. A espera por alguém que de fato sabia-se que não retornaria a fez se refazer como esposa, além de influenciar a filha a esperar sempre, sem nunca se mover de lugar.

A protagonista parece ciente de seus devaneios, mas insiste em mostrar seus sonhos e inquietudes em relação a uma possível partida:

As vezes que eu já viajei, rumei para os desmundos. Tudo em delírio. Quantas vezes o belo motorista abre a porta de um caminhão (*sic*) e me pergunta sobre o meu destino.

- A senhorita segue na cidade?

- Não, vou para a outra, a seguinte.

- É que depois não há mais cidade. Depois não há mais lugar nenhum.

- É exatamente aí que eu vou.

Riem-se. Dizem sou louca. Por pouca sorte, não sou. Quando somos loucos a vida nunca nos faz mal. Eu sou é de outra vida, não venho de ninguém, nem vou para nenhum Deus (COUTO, 2016, p. 128).

Nessa passagem, pode-se observar não apenas o julgamento da população em relação a uma jovem, que tem sonhos e almeja algo fora daquela realidade, mas também a

não identificação da protagonista com o pensamento da vila. Ela mostra-se em outra frequência, outro plano. Bhabha começa esse questionamento fundamentado no pensamento da coletividade que acaba se refletindo na história individual:

Podemos começar questionando a metáfora progressista da coesão social moderna – muitos como um – compartilhada por teorias orgânicas do holismo da cultura e da comunidade e por teóricos que tratam gênero, classe ou raça como totalidades sociais que expressam experiências coletivas unitárias (BHABHA, 1998, p. 199).

Desta forma, parece que o pensamento de ter de fiar-se a alguém, mesmo querendo ir embora para outras paragens, ainda que desconhecidas, não deixa de ser o reflexo de um pensamento coletivo, que passa através das gerações. Assim, há a marca do pensamento coletivo na figura feminina da personagem, que embora não saiba ainda o que verdadeiramente quer, sabe exatamente o que não quer: ficar sozinha.

Ainda sobre a loucura ou sonolência que a narrativa provoca na percepção do leitor, em relação aos pensamentos da protagonista, surge um elemento bastante peculiar que assume a culpa da atitude da protagonista: “O Tio Josseldo vem a correr à sombra da porta e ainda lhe escuto perguntar se bebi o chá das três-noites. É bebida que enlouquece, junta insônia de três-noites (COUTO, 2016, p.128)”. A bebida surge como uma possível explicação para a indecisão da personagem sobre ficar ou partir, mas essa passagem descrita acima mostra exatamente a resolução da personagem de, por fim, partir.

No final da narrativa, a Menina parece encontrar quem menos esperava, seu pai, num diálogo dúbio, que apenas ratifica sua condição de anônima, nômade-estática-indecisa:

Estou ali, quando para um carro velho, mais chapa que viatura. De dentro, escuto a roufenha voz:

- Ainda não tem nome, você?

Nem olho, não levanto o rosto que é para obedecer à educação. E a voz insiste, para meu espanto:

- Então lhe chamo de menina que é o melhor nome que eu sei.

(...)

- E vamos onde?

- Há de se ver (COUTO, 2016, p.129).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A narrativa de Mia Couto revela muito acerca da busca por identidade e das incertezas intrínsecas ao ser humano. No conto, a personagem conhecida como “menina” expõe toda sua solidão e vontade de ir em busca de algo, fora daquele espaço atópico. A todo momento, a protagonista exterioriza que não importa com quem irá, apenas quer ir embora. Esta análise leva em conta as múltiplas ambiguidades produzidas através da fala da personagem, o que ocasiona, dentre outras impressões, uma sensação de incerteza envolta em brumas oníricas.

O onirismo junto à busca de identidade por parte da protagonista, em meio a um não lugar, que aparece de forma bastante clara para o leitor, visto que o lugar é que traz solidão à personagem, só reforça a linha de exploração teórica que o presente trabalho se propôs.

A Menina empreendeu sua busca, mesmo que envolvida por incertezas. A chegada à escura estrada, fragmentada, diluída em incertezas físicas e existenciais colocam em xeque a certeza de que a personagem tenha mesmo encontrado seu rumo ou se a imagem sugerida pelo conto, a de uma estrada que se dissipa à medida que a protagonista escorre por ela, seja uma metáfora sobre a morte.

REFERÊNCIAS

AUGÉ, Marc. **Não lugares**: introdução a uma antropologia da modernidade. 9. ed. Trad. Maria Lúcia Pereira. Campinas: Papirus, 2012.

BACHELARD, Gaston. **A filosofia do não; O novo espírito científico; A poética do espaço**: traduções de Joaquim José Moura Ramos (et al.). – São Paulo: Abril Cultural, 1978 (Os pensadores).

BAUMAN, Zygmund. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Trad. Myriam Ávila; Eliana Lourenço de Lima Reis; Gláucia Renati Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

COUTO, Mia. **Na berma de nenhuma estrada e outros contos**. 1. ed. São Paulo: Companhia das letras, 2016.

DaMATTA, Roberto. **A Casa e a Rua**. Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1997.

GAMA-KHALIL, M. M. O LUGAR TEÓRICO DO ESPAÇO FICCIONAL NOS ESTUDOS LITERÁRIOS. **Revista da Anpoll**, [S. l.], v. 1, n. 28, 2010. DOI: 10.18309/anp.v1i28.166. Disponível em: <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/166>. Acesso em: 22 jul. 2021.

PERROT, Michelle. **Histoires de chambres**. Paris: Éditions Points, 2009.

Recebido: 05/010/2021

Aprovado: 10/11/2021

